

# INTRA-AÇÃO, INTERAÇÃO E UMA HERMENÊUTICA DIATÓPICA AMPLIADA: SEGUINDO COISAS, CORPOS E REPERTÓRIOS EM DISPOSITIVOS SITUADOS DE CONHECIMENTO

INTRA-ACCIÓN, INTERACCIÓN Y UNA HERMENEUTICA DIATÓPICA AMPLIADA:  
SIGUIENDO LAS COSAS, LOS CUERPOS Y LOS REPERTORIOS EN LOS DISPOSITIVOS DE  
CONOCIMIENTO SITUADO

INTRA-ACTION, INTERACTION AND AN EXPANDED DIATOPIC HERMENEUTICS:  
FOLLOWING THINGS, BODIES AND REPERTOIRES IN SITUATED KNOWLEDGE DEVICES

**Alan Silvio Ribeiro Carneiro\***  
Universidade Federal de São Paulo

**Maria Clara Keating\*\***  
Universidade de Coimbra

**RESUMO:** Os múltiplos debates sobre os novos materialismos, entre outros aspectos, têm apontado para a necessidade de um ajuste de foco no campo das humanidades, da linguagem verbal e das dinâmicas de constituição do representacional para as múltiplas semioses e para as dinâmicas de constituição do não representacional. O ângulo ético-ontopistemológico proposto pelo realismo agencial de Karen Barad (2007) aponta para a impossibilidade de separar ética, ontologia e epistemologia nas práticas científicas e na produção de conhecimento. Na abordagem da autora, seres humanos, não-humanos e outros entes não são entidades preexistentes, mas coconstituem suas próprias existências e os diferentes elementos de seus mundos como ações materializadas. Propomos aqui refletir sobre dois exercícios etnográficos, ou melhor, experienciais, que nos ajudam a compreender os modos de mútua configuração de sujeitos e os processos de coconstrução materializada desencadeados a partir de diferentes objetos (Budach;

---

\* Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), São Paulo, SP, Brasil. E-mail: alan.unifesp@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6315-6676>.

\*\* Universidade de Coimbra, Portugal. E-mail: clarakeating@ces.uc.pt. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8211-7709>.

Kell; Patrick, 2015). O primeiro exercício surge de uma série de projetos biográficos com mulheres imigrantes em Portugal, desenvolvidos de forma interdisciplinar e colaborativa (Keating, 2009; Keating; Solovova, 2011; Lechner, 2015; Keating, 2019). O segundo exercício parte do desenvolvimento de um projeto de mobilidade acadêmica elaborado na chave dos *Encontros de Saberes* (Carvalho; Vianna, 2020), com o objetivo de trazer uma mestra da arte tradicional do jongo para África do Sul (Carneiro, 2016).

PALAVRAS-CHAVE: Novos materialismos. Realismo agencial. Dispositivo. Objetos. Migrações.

RESUMEN: Los múltiples debates sobre los nuevos materialismos, entre otros aspectos, han apuntado la necesidad de un ajuste de enfoque en el campo de las humanidades, desde el lenguaje verbal y las dinámicas de constitución de lo representacional a las semiosis múltiples y las dinámicas de constitución de lo no representacional. El ángulo ético-ontoepestemológico propuesto por el realismo agencial de Karen Barad (2007) apunta a la imposibilidad de separar la ética, la ontología y la epistemología en las prácticas científicas y en la producción de conocimiento. En el enfoque del autor, los seres humanos, los no humanos y los demás seres no son entidades preexistentes, sino que co-constituyen sus propias existencias y los diferentes elementos de sus mundos como acciones materializadas. Nos proponemos aquí reflexionar sobre dos ejercicios etnográficos, o más bien, experienciales, que nos ayuden a comprender los modos de configuración mutua de los sujetos y los procesos de co-construcción materializada que se desencadenan a partir de diferentes objetos (Budach; Kell; Patrick, 2015). El primer ejercicio surge de una serie de proyectos biográficos con mujeres inmigrantes en Portugal, desarrollados de forma interdisciplinaria y colaborativa (Keating, 2009; Keating; Solovova, 2011; Lechner, 2015; Keating, 2019). El segundo ejercicio se basa en el desarrollo de un proyecto de movilidad académica diseñado en el marco de los *Encontros de Saberes* (Carvalho; Vianna, 2020), con el objetivo de traer una maestra del arte tradicional del jongo a Sudáfrica (Carneiro, 2016).

PALABRAS CLAVE: Nuevos materialismos. Realismo agencial. Dispositivo. Objetos. Migraciones.

ABSTRACT: The multiple debates on new materialisms, among other aspects, have pointed to the need to adjust the focus in the field of humanities, from verbal language and the dynamics of constitution of the representational to the multiple semioses and the dynamics of constitution of the non-representational. The epistemological-ontological-ethical angle proposed by Karen Barad's agential realism (Barad, 2007) points to the impossibility of separating ethics, ontology and epistemology in scientific practice and in the production of knowledge. In her perspective human and non-human beings and other beings are not pre-existing entities but co-constitute their own existences and the different elements of their worlds as materialized actions. Considering this approach, we propose here to reflect on two ethnographic, or rather experiential, exercises that help us to understand the modes of mutual configuration of subjects and processes of materialized co-construction are triggered by different objects (Budach; Kell; Patrick, 2015). The first exercise arises from a series of biographical projects with immigrant women in Portugal, developed in an interdisciplinary and collaborative way (Keating, 2009; Keating; Solovova, 2011; Lechner, 2015; Keating, 2019). The second exercise is based on the development of an academic mobility project built according to the framework of *Encontros de Saberes* (Carvalho; Vianna, 2020), with the aim of bringing a master of the traditional art of *jongo* from Brazil to South Africa (Carneiro, 2016).

KEYWORDS: New materialisms. Agential realism. Apparatus. Objects. Migrations.

## 1 INTRODUÇÃO

Os múltiplos debates sobre os novos materialismos, entre outros aspectos, têm apontado para a necessidade de um ajuste de foco no campo das humanidades, da linguagem verbal, no que concerne tanto às dinâmicas de constituição do representacional para as múltiplas semioses como às dinâmicas de constituição do não representacional. Os novos materialismos apontam para o modo como acontecem os próprios processos difratados e em constante movimento de materialização, constitutivos de múltiplos modos distintos de ser e estar no mundo, contingentes e coexistindo entre si.

É por essa razão que o ângulo *ético-ontoepestemológico* proposto pelo *realismo agencial* de Karen Barad (2007) orienta a nossa atenção para a impossibilidade de separar ética, ontologia e epistemologia quando no engajamento com a prática científica e com a produção de conhecimento. Seres humanos e não-humanos e outros entes não são entidades preexistentes, mas coconstituem suas próprias existências e os diferentes elementos de seus mundos como ações materializadas. É nesse sentido que a autora traz à tona a

necessidade de exercitar a reflexividade em torno dos modos de constituição dos *dispositivos* que estão implicados na produção de conhecimento, por meio dos axiologias, epistemologias e ontologias, que vão sendo forjadas em espaços situados.

Ampliando o debate de Foucault (1995) sobre o termo dispositivo e suas dimensões normativas, que são destacadas também por Deleuze (1996) e Agamben (2009), Barad (2007) busca demonstrar, a partir de Bohr, que os dispositivos são, não somente uma dimensão intrínseca do próprio processo de conhecer enquanto normatividades disciplinares e instrumentalidades de pesquisa, mas também coconstituem esses próprios modos de conhecer e os sujeitos e os objetos de conhecimento enquanto tais. Como outros autores contemporâneos – como, por exemplo, Stengers (2008) –, Barad (2007, p. 170) questiona a própria fábrica moderna de conhecimento que engendrou os consensos em torno do mundo que pensamos conhecer. Como afirma a autora:

[...] dispositivos são práticas discursivo-materiais – intra-ações causais por meio das quais a matéria é iterativamente e diferencialmente articulada, reconfigurando o campo discursivo-material de possibilidades e impossibilidades na dinâmica contínua de intra-atividade que é agência. Os dispositivos não são objetos ou estruturas delimitadas; eles são práticas abertas. A reconfiguração do mundo continua indefinidamente. O dinamismo da matéria é inesgotável, exuberante e prolífico.<sup>1</sup>

Na nossa perspectiva<sup>2</sup>, considerando a reflexão baradiana, é por meio da materialização de dispositivos, enquanto práticas discursivo-materiais, que, em espaços situados, forjam-se o que entendemos como coisas, corpos e repertórios semióticos, através de dinâmicas de *intra-ação*, de *interação*, bem como de *tradução intercultural* entre sujeitos que não compartilham as mesmas trajetórias de subjetivação. Esses processos de materialização parecem acontecer lado a lado em zonas de fronteira, em um exercício de *hermenêutica diatópica ampliada* (Santos, 1997), ou seja, na nossa perspectiva aqui, a dinâmica simultânea de nomear e dizer de outra forma a partir de múltiplos outros ângulos ainda não nomeados, tendo em vista as múltiplas materialidades sobrepostas e emaranhadas que estão em contato nas zonas de fronteira implicadas nas mobilidades.

Assim sendo, reconhecer um *pluriverso* de modos simultâneos de existir, pensar e fazer, precisa necessariamente se focar na emergência, a partir do contato com a diferença, do que não é previamente conhecido (Pratt, 2022), mas que pode ser prefigurado de modo transhistórico (Carneiro, 2022). Como na ecologia de práticas de Stengers (2005), trata-se do reconhecimento de que habitamos múltiplos mundos que são *a priori* irredutíveis entre si tanto epistêmica quanto ontologicamente (Robbert; Mickey, 2013), mas que, em justaposição ou sobreposição, são plenos de possibilidades.

Como Stewart (2017, p. 193, tradução nossa) aponta, isso implica em estar atento aos modos como, por exemplo, o afeto – entre outras formas de potenciais conectividades, em suas diferentes disposições – compõe mundos:

A virada para o afeto perturbou os mantras de estrutura, mediação, representação e código que passaram a funcionar como uma abreviação suficientemente boa para a cultura e o poder. No lugar da crítica pura e simples da representação, o afeto acrescentou uma crítica afirmativa que registra a surpresa em relação àquilo que acontece e à forma como as coisas acontecem. Espera-se para ver como as coisas se desdobram momento a momento, observam-se os pontos de contato, é reconhecido o peso ou o cheiro de uma atmosfera e os vestígios do espalhamento de intensidades entre sujeitos, objetos, instituições, leis, materialidades e espécies. O cotidiano não é naturalizado como algo irrefletido, mas abordado como uma geração prolífica de resoluções inventivas e temporárias para problemáticas que percorrerão trajetórias inesperadas.<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Todas as traduções foram produzidas pelos autores com a inserção em nota dos originais. Excerto original: “[...] apparatuses are *material-discursive practices* – causal intra-actions through which matter is iteratively and differentially articulated, reconfiguring the material-discursive field of possibilities and impossibilities in the ongoing dynamics of intra-activity that is agency. Apparatuses are not bounded objects or structures; they are open-ended practices. The reconfiguring of the world continues without end. Matter’s dynamism is inexhaustible, exuberant, and prolific” (Barad, 2007, p. 170).

<sup>2</sup> O artigo utiliza a primeira pessoa do plural para a referência aos autores do presente texto do artigo na *Introdução* (1), no *Referencial Teórico* (2) e nas *Considerações Finais* (4). Nas duas subseções de estudo de caso (3.1 e 3.2), é utilizada a primeira pessoa do singular.

<sup>3</sup> Excerto original: “The turn to affect worried the mantras of structure, mediation, representation, and code that had come to operate as a good-enough shorthand for culture and power. In place of the sheer critique of representation, affect added an affirmative critique that registers surprise at what and how things happen. It waits to see as things unfold in a moment, notes points of contact, recognizes the weight or smell of an atmosphere, or traces the spread of intensities across subjects,

Isto é particularmente relevante nos estudos das migrações, nos quais as dinâmicas de mobilidade transnacional envolvidas ilustram esses múltiplos processos de *inter* e *intra-constituição* da vida social e de mundos específicos através de múltiplas materialidades que incorporam tempos, espaços, fronteiras, territorialidades, mundos da vida, lugares, corporalidades, gestos e ações de diferentes tempos e espaços no aqui e agora. Como afirmamos em reflexão recente:

O ângulo da mobilidade torna visíveis os fluxos de pessoas, bens, recursos, assim como a liquidez das dinâmicas e dos processos sociais que jogam nesses fluxos e agem em escalas que se sobrepõem – o que permite assumir a complexidade dos elementos que co-habitam nos lugares híbridos de sobrevivência, forjados no embate do encontro e da descoberta da diferença (Keating; Carneiro; Diniz, 2022, p. 610).

As ideias de *inter* e *intra-constituição* são importantes porque os lugares da migração são emaranhados que geram articulações singulares de coabitação da diferença, pluriversos específicos modulados por ressonâncias e intersecções, nos quais os sujeitos se desdobram em múltiplos *eus* (Pratt, 2022, p. 231-232). Esses *eus* únicos surgem difratados pela copresença física e corpórea com outros seres humanos em espaços e lugares densos de outras presenças não humanas e materiais de toda ordem. É esta matéria que mobiliza outros espaços e lugares, outras temporalidades que se concretizam de modo muito específico por meio de dispositivos não previamente definidos e mobilizados na ação.

Propomos aqui refletir sobre dois exercícios etnográficos, ou melhor, experienciais, que nos ajudam a compreender os modos de coconstituição de sujeitos e coconstrução materializada e, por isso, indefinida e inédita de vidas em movimento em contextos migratórios. No primeiro exemplo, reflete-se sobre os processos de intra-ação, interação e as semioses envolvidas nos eventos que conformaram um *processo de produção de conhecimentos* em um contexto de mobilidade situado em Portugal. No segundo exemplo, de forma paralela, reflete-se sobre os mesmos processos de intra-ação, interação e as semioses envolvidas nos eventos que conformaram um *processo de circulação e transmissão de conhecimentos* em um contexto de mobilidade situado na África do Sul, que, de forma circular, torna-se também um novo *processo de produção de conhecimentos*. Ou seja, em ambas reflexões, trata-se de construir movimentos de análise de práticas e processos materiais distribuídos que estão intrinsecamente conectados com os modos como se produzem e como circulam conhecimentos e como estes se reconfiguram contingentemente como saberes. Dada sua dimensão contingente, a sua inseparabilidade dos tempos e espaços em que emergem, as relações intrínsecas entre humanos, não humanos e outros entes materializados, e dado o modo como estes produzem de forma agentiva as dinâmicas de ação em lugares situados, poderíamos denominar esses saberes de *suleados*, mas aqui os defenderemos como *saberes emaranhados de fronteira*.

O primeiro exercício é motivado por uma série de projetos biográficos com mulheres imigrantes em Portugal (Keating, 2009; Keating; Solovova, 2011; Keating, 2019), e surge especificamente a partir das rodas de histórias com migrantes coordenado por Elsa Lechner (Lechner, 2015), todos desenvolvidos de forma interdisciplinar e colaborativa. O segundo exercício parte do desenvolvimento de um projeto de mobilidade acadêmica, elaborado na chave dos *Encontros de Saberes* (Carvalho; Vianna, 2020), que envolveu trazer uma mestra da arte tradicional do jongo para África do Sul para uma série de oficinas (Carneiro, 2016). Em ambos os contextos, os *dispositivos* mobilizados contingentemente tiveram um papel fundamental para o modo como coisas diferentes *fizeram pessoas acontecerem* de determinada forma (Kell, 2015).

Seguindo geolocalizações e temporalidades pretéritas, perseguimos os *rastros* semióticos deixados por recursos com diferentes propriedades materiais e imateriais, desde objetos até atividades de fala, de leitura e de escrita, movimentos corporais, ritmos e entidades espirituais acontecendo ao longo dos eventos de pesquisa. Ao seguirmos esses rastros, descrevemos os processos contingentes de significação envolvidos. Esse exercício reflexivo é também uma tentativa de identificar até que ponto a articulação da crítica filosófica dos novos materialismos e as ampliações de possibilidades de pensamento pelas epistemologias do sul baseadas no reconhecimento e na coconstrução ativa de pluriversos, nos instiga a abordar a colonialidade interna do nosso trabalho.

---

objects, institutions, laws, materialities, and species. The everyday is not naturalized as the un-thought, but approached as a prolific generation of temporary inventive resolutions to problematics that set off unexpected trajectories” (Stewart, 2017, p. 193).

O presente texto está organizado em uma reflexão teórica (seção 2) em que se desdobram as intuições apresentadas nesta introdução. Ancoradas de um modo mais aprofundado na forma como a perspectiva neomaterial reinterpreta as dinâmicas de coconstituição entre humanos, não humanos e outros entes, articulamos perspectivas ético-ontopistemológicas do sul, o realismo agencial baradiano e os processos de constituição do mundo da vida em espaços migratórios. Focamos especificamente nas questões que envolvem os dispositivos de conhecimento em suas dinâmicas situadas, no que denominamos de saberes emaranhados de fronteira, conforme definido acima. Essa discussão é retomada e ampliada nos dois exercícios reflexivos (seção 3) em que abordamos, de forma particular, o papel dos objetos na ação semiótica. Trazemos vinhetas das situações vivenciadas em campo, tentando ilustrar como estas surgem como resultado de processos de intra-ação articulada com a interação e com os processos de tradução intercultural mediados por hermenêuticas diatópicas ampliadas. Concluimos (seção 4), apresentando alguns apontamentos sobre as direções que uma virada material pode contribuir para o campo que articula a linguagem com os estudos migratórios.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Como afirmam Coole e Frost (2010, p. 1), habitamos o mundo material e somos compostos de matéria. Isso inclui compreender o funcionamento do universo face às nossas gestualidades cotidianas, passando pelos atravessamentos múltiplos que nos tornam constantemente coexistência em mutação. Seguindo Fox (2020, tradução nossa):

Na nova ontologia materialista, não há estruturas, sistemas ou mecanismos em ação; em vez disso, há inúmeros “eventos” que compreendem os efeitos materiais tanto da natureza quanto da cultura, que juntos produzem o mundo e a história humana. Explorar o caráter relacional desses eventos e sua composição física, biológica e expressiva torna-se o meio de a ciência social explicar as continuidades, os fluxos e os “devires” que produzem o mundo ao nosso redor.<sup>4</sup>

Esse foco no monismo e na imanência está presente em múltiplas perspectivas epistêmicas que se dirigiam e continuam a se dirigir na contramão das diversas formas de pensamento hegemônico moderno europeu. Estas se tornaram hegemônicas em uma longa multissituada temporalidade e estão no centro das estruturas sociais e das formas de dominação que configuram o que Santos (2007) chama de pensamento abissal e Quijano (2010) de colonialidade do poder e do saber.

Santos e Meneses (2010) apontam para o modo como as pretensões de universalidade dessas formas de pensamento europeu se plasmaram na ciência moderna por meio da intervenção militar, econômica e política, descredibilizando e marginalizando outras formas de conhecimento e construindo-as como formas inferiores de saberes. No entanto, os aprofundamentos da crise ecológica e de outras crises que apontam para um futuro trágico mobilizam o reconhecimento, ainda que pelas bordas, dos saberes desses que historicamente foram excluídos, mas que eficazmente encontraram estratégias de sobrevivência em relação às diferentes formas de violência colonial pretéritas e presentes.

Nesse sentido, o que buscamos aqui é uma reflexão sobre pluriversos emergentes representados pela intersecção de tempos e espaços configurados pelas mobilidades, considerando o modo como diferentes migrações ensejam modos de compreender o mundo que lhe são singulares, sobretudo quando estão em foco sujeitos historicamente subalternizados e seus encontros com a diferença. Trata-se, então, de buscar compreender como surge e emerge o que denominamos como um *saber emaranhado de fronteira*.

Nesse sentido, os mundos da vida que surgem das zonas de contato não produzem dinâmicas *interculturais* ou de *tradução*, mas espaços singulares atravessados por processos semióticos de circulação de recursos com propriedades materiais e imateriais únicas e em movimento. Modos anteriormente consolidados de organização de práticas sociais reconfiguram-se progressivamente, e, assim, emergem novas ações em contingência, marcadas pelo emaranhado de traços de múltiplas outras realidades, existindo umas

<sup>4</sup> Excerto original: “In new materialist ontology there are no structures, systems or mechanisms at work; instead there are innumerable ‘events’ comprising the material effects of both nature and culture, which together produce the world and human history. Exploring the relational character of these events and their physical, biological and expressive composition becomes the means for social science to explain the continuities, fluxes and ‘becomings’ that produce the world around us” (Fox, 2020).

ao lado das outras, transportando consigo também múltiplos modos de as compreender, saberes que não estão nem lá, nem cá, mas no *entremeio*.

Na perspectiva do realismo agencial de Barad (2007, p. 185, tradução nossa), é importante estar atento ao nosso papel nos processos de constituição desses emaranhados de sujeitos, objetos e outros elementos que são constitutivos dos dispositivos de conhecimento e das realidades analisadas, como afirma a autora:

As práticas de conhecer e ser não são isoladas; elas estão mutuamente implicadas. Não obtemos conhecimento por estarmos fora do mundo; conhecemos porque somos do mundo. Fazemos parte do mundo em seu devir diferencial. A separação da epistemologia da ontologia é uma reverberação de uma metafísica que pressupõe uma diferença inerente entre humano e não humano, sujeito e objeto, mente e corpo, matéria e discurso.<sup>5</sup>

Assim sendo, para Barad (2007), os fenômenos são emaranhados ontológicos, relações sem relatos pré-existentes: é somente por meio da intra-ação que os componentes de um fenômeno se podem diferenciar, determinar e tornar-se significativos. É por meio de *dispositivos* que se diferencia sujeito e objeto, em um processo dinâmico, aberto e infinito, pelo qual discursividades e materialidades são engendradas e, assim, coconstituem-se, tal como coisas e conceitos se coarticulam (Barad, 2007).

Práticas discursivas produzem, assim, as configurações materiais de mundos específicos ao delimitar suas propriedades, fronteiras e significados. Na abordagem pós-humanista de Barad, o significado não está unicamente nas ações humanas, mas no constante *performar* (ou acontecer) do mundo que produz inteligibilidade. Nessa perspectiva, construída em torno da ideia do realismo agencial, a inteligibilidade não é algo exclusivamente humano. Como pretendemos ilustrar a seguir, tornar-se inteligível é uma questão de *responsividade diferencial* àquilo que performaticamente está em processo de materialização e que se torna relevante e significativo no devir diferencial do mundo. Assim, o mundo articula-se diferenciando-se (Barad, 2007).

Dessa forma, as práticas discursivas e as materialidades não dependem de uma pré-existência humana – os seres humanos fazem parte dos fenômenos – mas não são o todo dos processos de configuração e reconfiguração constante de diferentes mundos. Como afirma Barad, se, por um lado, práticas discursivas são intra-ações que produzem determinações, ou seja, são práticas de delimitação de fronteiras, por outro lado, as materialidades são os processos constantes de transformação da matéria em dinâmicas de estabilização e desestabilização.

A principal crítica de Barad (2007) a Niels Bohr é pelo fato de o físico, ao discutir os dispositivos de conhecimento, não reconhecer que os seres humanos não escolhem de antemão os dispositivos que vão utilizar para produzir conhecimento. Enquanto seres humanos, não somos plenamente conscientes, tal como pode supor uma perspectiva cartesiana de um universo com propriedades determinadas como na física newtoniana. Como aponta Barad (2007, p. 184-185, tradução nossa):

A configuração específica que um dispositivo adquire não é uma construção arbitrária de nossa escolha, nem é o resultado de estruturas de poder causais deterministas. Os seres humanos não agregam simplesmente diferentes dispositivos para satisfazer projetos de conhecimento particulares, mas são eles próprios partes específicas da reconfiguração contínua do mundo. Na medida em que as manipulações laboratoriais, as intervenções observacionais, os conceitos e outras práticas humanas têm um papel a desempenhar, elas são parte da configuração material do mundo em seu devir intra-ativo. Os seres humanos fazem parte do espaço corpo-mundo em sua estruturação dinâmica.<sup>6</sup>

<sup>5</sup> Excerto original: "Practices of knowing and being are not isolable; they are mutually implicated. We don't obtain knowledge by standing outside the world; we know because we are of the world. We are part of the world in its differential becoming. The separation of epistemology from ontology is a reverberation of a metaphysics that assumes an inherent difference between human and nonhuman, subject and object, mind and body, matter and discourse" (Barad, 2007, p. 185).

<sup>6</sup> Excerto original: "The particular configuration that an apparatus takes is not an arbitrary construction of our choosing; nor is it the result of causally deterministic power structures. Humans do not simply assemble different apparatuses for satisfying particular knowledge projects but are themselves specific parts of the world's ongoing reconfiguring. To the degree that laboratory manipulations, observational interventions, concepts, and other human practices have a role to play, it is as part of the material configuration of the world in its intra-active becoming. Humans are part of the world-body space in its dynamic structuration" (Barad, 2007, p. 184-185).

Desse modo, é no arranjo dos dispositivos que se fabricam diferenciações, inclusões e exclusões que produzem sujeitos e objetos e em que se articulam os entendimentos sobre essas relações sujeito-objeto. Assim se forjam intra-ações que modelam, não só as nossas mundividências como também possibilidades futuras.

Dispositivos e montagens [*assemblages*] são, às vezes, entendidos como referentes a arranjos materiais, mas nas ontologias performativas do novo materialismo eles são dinâmicas discursivo-materiais, modalidades de agrupamentos de agências, de composição de poder, que geram diferentes histórias, estados de coisas e possibilidades futuras (Nikolic, 2018, tradução nossa).<sup>7</sup>

Ao articular estas reflexões com o foco na constituição dos mundos da vida em situações de mobilidade/migrações, procuramos chaves interpretativas que nos permitam compreender melhor as relações complexas entre coisas, corpos, repertórios comunicativos e modos de fazer e refazer mundos em movimento pelos sujeitos que se forjam enquanto migrantes na *contingência*. Palmer e Hunter (2018) sugerem que isso pode ser feito a partir de uma perspectiva mais atenta ao que Stewart (2010) denomina como *worlding*, o mundo em seu constante fazer-se e desfazer-se, ou seja, o processo ativo de construir axiologias, ontologias e epistemologias.

Para Stewart (2024) *fazer mundos*, na tradução aproximada que escolhemos aqui, envolve um processo de subtração da gramática de um sujeito interior e de objetos no mundo lá fora para buscar:

[...] uma sintonização elementar com impressões, afetos, corpos, modulações subliminares, intuições sobre para onde se pode levar uma tendência, e eventualmente um tipo de realismo esquivo feito de multiplicidades que se chocam umas com as outras como se fossem pirilampus num campo [...].<sup>8</sup>

Pensando junto com Stengers em entrevista a Massumi e Manning (Stengers; Massumi; Manning, 2009, p. 2, tradução nossa) não se trata de encontrar um modo melhor de dimensionar as relações entre o micro e o macro, molecular e molar, mas antes de compreender aquilo que, nas palavras da filósofa, está no entremeio:

[...] receio que, ao nos contentarmos com a oposição entre o molecular e o molar, seremos levados, de modo quase inexorável, a modos maníacos de diferenciação, em que o problema será sempre o de designar caminhos de salvação ou perdição. A questão de como passar de um modo de descrição exigido por moléculas de água para outro modo de descrição molar, em que se trata de beber ou nadar nessa água, é extremamente complicada. Esse é um problema em aberto, mas não uma oposição.<sup>9</sup>

A ideia de Stengers é refletir sobre o *meso*, ou seja, aquilo que ajude a entender o que visões macro não permitem dizer e abarcar aquilo que não conseguimos deduzir a partir de uma visão micro. Conjuguar aqui os modos de pensar de Barad, Santos e Menezes, Stewart e Stengers ajuda-nos a pensar na constante configuração e reconfiguração ontológica do mundo, mas também a epistemológica e a ética.

Elisabeth Povinelli (2014) entende que todo o arranjo institui seus desarranjos e rearranjos no plano de imanência, o que nos leva à ideia do aquilo-outro, ou seja, as multiplicidades daquilo que pode vir a ser. Assim sendo, parece-nos que não existem saberes desemaranhados dos pontos específicos no tempo e no espaço de onde surgem, emergem e que, simultaneamente, produzem. Por isso, todo o saber é ontologicamente político, na medida em que faz parte de políticas de construção de mundos situados.

<sup>7</sup> Excerto original: "Apparatus and assemblage are sometimes understood as referring to material arrangements, but in performative ontologies of new materialism they are material-discursive dynamics, modalities of groupings of agencies, of composition of power, which generate different histories, states of affairs and future possibilities" (Nikolic, 2018).

<sup>8</sup> Excerto original: "[...] elemental attuning to impressions, affects, bodies, subthreshold modulations, intuitions about where a tendency might go, and probably a kind of weird realism of multiplicities pinging off each other like fireflies in a field [...]" (Stewart, 2024).

<sup>9</sup> Excerto original: "[...] I am afraid that if we content ourselves with the opposition between the molecular and the molar we are almost inexorably led to maniacal modes of differentiation where the issue is always designating paths of salvation or perdition. The question of how to go from the mode of description demanded by water molecules to the molar mode of description, where it's a question of water that we can drink or swim in, is extremely complicated. It's an open problem, not an opposition" (Stengers; Massumi; Manning, 2009, p. 2).

Buscaremos, no próximo item, detalhar esses modos de construção, tendo em vista as especificidades das mobilidades causadas pelos trânsitos em espaços-tempo marcados pela língua portuguesa.

### 3 ÂNGULOS SOCIOMATERIAIS EM CONTEXTOS MIGRATÓRIOS SITUADOS: PORTUGAL E ÁFRICA DO SUL

Para investigar essa dimensão *meso* dos nossos diferentes contextos de análise e compreender como mundos específicos foram e estão sendo construídos a partir das nossas experiências de pesquisa, partiremos do modo como diferentes *objetos*, constituídos por meio de intra-ações, produzem inteligibilidade por meio de uma responsividade diferencial que é articulada de forma performativa. Para Barad (2007), como discutimos no item anterior, inteligibilidade não é uma característica essencialmente humana, mas uma característica do mundo no seu constante processo de se tornar materialmente.

Barad, em entrevista a Gandorfer, afirma que não existem fenômenos materiais independentemente dos processos de significação que são produzidos em seu redor (Barad; Gandorfer, 2021). Para a pesquisadora, “matéria e significado são inseparáveis” (Barad; Gandorfer, 2021, p. 26), pelo que os conceitos, tal como outras dimensões da realidade, são configurações materiais do mundo, contingentes e situadas. Ao tomar objetos específicos como ponto de partida, procuramos compreender como estes estão implicados em processos de *fazer mundos*, ou seja, compõem processos de transformação da realidade. Esses objetos parecem ser marcados por temporalidades mais ou menos sedimentadas, seja pelo modo como se materializaram ao longo do tempo, seja pelas suas trajetórias de circulação transcontextual e como estas possibilitam a configuração de determinados campos energéticos, ensejando determinados modos de ver o mundo (Povinelli, 2021), seja, ainda, pelo conjunto de potencialidades que se abrem em termos de futuro (Kerfoot; Stroud, 2024).

Budach, Kell e Patrick (2015) entendem os objetos como prismas para compreender as ações semióticas e os categorizam – a partir da literatura sobre objetos e as discussões apresentadas no volume especial que organizaram – de três formas. A primeira categoria é a dos objetos delimitados, que estão “[...] firmemente posicionados, na sua maioria imóveis e são parte de espaços específicos altamente programados ou abstractos [...]”<sup>10</sup> (Budach; Kell; Patrick, 2015, p. 393, tradução nossa). Desse modo, esses objetos controlam e prescrevem modos específicos de ação. A segunda, por sua vez, é a dos objetos de fronteira, aqueles “[...] definidos por Star (1989) como flexíveis, no sentido de poderem ter diferentes significados em diferentes contextos e possibilitarem a comunicação através dos contextos”<sup>11</sup> (Budach; Kell; Patrick, 2015, p. 393, tradução nossa). Dessa forma, esses objetos são transcontextuais e mostram continuidades e discontinuidades nos processos de significação, mostrando os efeitos dos cruzamentos de fronteiras e suas consequências, tais como a ativação de relações de diferença e desigualdade. Por fim, a terceira categoria é a dos objetos de ligação que “[...] são parte de relações humano-objeto que envolvem um investimento emocional”<sup>12</sup> (Budach; Kell; Patrick, 2015, p. 393, tradução nossa). Seus significados são muito familiares para quem interage com eles e, embora viajem transcontextualmente, sua significação é estável e, por isso, indexalizam relações horizontais de igualdade e não de diferença e desigualdade.

Essas categorias produzidas por Budach, Kell e Patrick (2015) serão importantes para nós para entender o papel que os *objetos* analisados nos estudos de caso assumem em cada cenário sob análise e como deles – ou da fala sobre eles, tendo em vista sua responsividade –, emergem epistemes e perspectivas ético-ontoepistemológicas. Ou seja, em ambas reflexões se trata de partir dos objetos para construir movimentos de análise da ação, das práticas e dos processos materiais e distribuídos que estão intrinsecamente conectados com os modos como se produzem e como circulam sentidos e conhecimentos, que se reconfiguram contingentemente, como estamos defendendo aqui, como saberes emaranhados de fronteira.

<sup>10</sup> Excerto original: “[...] firmly emplaced, mostly immobile, and part of specific, highly scripted, or abstract spaces [...]” (Budach; Kell; Patrick, 2015, p. 393).

<sup>11</sup> Excerto original: “[...] defined by Star (1989) as flexible, in order to adopt different meanings in different contexts, and allow for communication across contexts” (Budach; Kell; Patrick, 2015, p. 393).

<sup>12</sup> Excerto original: “[...] are part of human-object relationships which involve an emotional investment” (Budach; Kell; Patrick, 2015, p. 393).



### 3.1 “BIOGRAFAR A CONDIÇÃO MIGRANTE EM PORTUGAL”: DISPOSITIVOS MATERIAIS E IMATERIAIS NO PROCESSO DE BIOGRAFIZAÇÃO

Fundados num espírito de colaboração e de exercício da interdisciplina, os projetos de investigação e investigação-ação de onde surgiram algumas das reflexões aqui partilhadas têm acompanhado a produção de histórias de vida narradas por migrantes em contextos diversos<sup>13</sup>. Entre estes, salientamos uma etnografia longitudinal (cerca de dez anos) sobre os processos de desterritorialização e reterritorialização de saberes linguísticos e letrados por um conjunto de mulheres adultas migrantes portuguesas em Londres; e um outro, em que a equipa interdisciplinar desenvolveu formas de criar conhecimento sobre a experiência biográfica de pessoas migrantes em Portugal, narradas de forma colaborativa em rodas de histórias<sup>14</sup>.

Tanto na pesquisa como na docência, o exercício tem sido o de desenvolver um olhar sociolinguístico e discursivo para a imensa complexidade da experiência vivida das migrações, adoptando um acompanhamento etnográfico da atividade semiótica e multimodal que permitisse a criação de afinidades entre todos os produtores de saberes – humanos e não humanos – no âmbito de cada projeto (Capinha *et al.*, 2018). Entre estes produtores de saberes, incluem-se: pessoas que se identificaram como migrantes e aceitaram participar no projeto; especialistas académicos de várias disciplinas, para além de outros atores não académicos e/ou *stakeholders* envolvidos no campo das migrações; agendas e ordens de trabalhos institucionais, científicas e/ou pedagógicas – materializados em textos e discursos – que orientam a ação de quem apoiou, colaborou ou financiou os projetos, sejam as agências de financiamento nacional, seja o centro de investigação que os acolheu – o Centro de Estudos Sociais (CES), da Universidade de Coimbra – até hoje inspirado pelo trabalho das epistemologias do Sul; membros de equipas interdisciplinares que possibilitaram a criação de espaços físicos e semióticos de acolhimento e hospitalidade, conducente a modos de produção horizontal de saberes que propiciassem a possibilidade de escuta de outras vozes para além das institucionais, sustentadas na experiência – vivida e com rosto – da condição migrante em Portugal e noutros países (Lechner, 2015; Keating, 2019).

Na génese desses projetos, esteve implicado um ângulo da ecologia de saberes, baseado numa abordagem emancipatória do conhecimento que visa ultrapassar o risco de assimilação pelos discursos dominantes e internamente colonizados na investigação produzida em espaços subalternos (Santos, 2018). A metáfora comunicativa da *tradução intercultural* desafiou-nos a conceber espaços de investigação – por exemplo, as oficinas biográficas combinadas com a produção de retratos linguísticos em alguns casos – com potencial para contrariar certos pressupostos relativos a modos legítimos de produção de conhecimento académico, incluindo o linguístico.

No caso específico do projeto interdisciplinar das rodas de história, o próprio desenho da pesquisa-ação e o enfoque explícito no dispositivo das rodas de histórias – que acompanhamos a par e passo ao longo da duração do projeto – abriu caminho para uma compreensão biopolítica da experiência vivida pelos participantes. Sustentado numa compreensão filosófica/teológica particular das (im)possibilidades de transcender o poder na vida e na morte, Giorgio Agamben (2009, p. 14, tradução nossa), propõe como aparelho imanente e onnipresente “[...] tudo o que tem, de algum modo, a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, moderar, controlar ou assegurar os gestos, os comportamentos, as opiniões e os discursos dos seres vivos”<sup>15</sup>. Das prisões e da vigilância foucaultianas, das escolas e dos discursos jurídicos à caneta, à escrita, aos cigarros, à filosofia, aos computadores, aos telemóveis, os dispositivos de Agamben (2009) operam para controlar a própria vida, também a vida humana. A subjetividade resulta assim da *luta sem tréguas* (em francês, *corps à corps*) entre os seres vivos e os dispositivos, impossível de transcender e apenas resistida por uma indiferença ontológica radical (Agamben, 2009; Frost, 2015). Esta natureza inexorável do poder levou-nos a considerar como as coisas materiais também funcionam nas constelações humanas e não humanas da própria vida (Latour, 1996; Reckwitz, 2002), incluindo os espaços a partir dos quais se age e atua na fala.

<sup>13</sup> A presente subsecção segue as convenções ortográficas portuguesas.

<sup>14</sup> Entre todos os projetos desenvolvidos, os dados aqui descritos foram gerados especificamente no âmbito da pesquisa *Migration studies and the building a collaborative framework in the Portuguese contexts*, coordenado por Elsa Lechner entre 2011 e 2014 (FCT PTDC/CS-. ANT/111721/2009).

<sup>15</sup> Excerto original: “[...] anything that has in some ways the capacity to capture, orient, determine, model, control, or secure the gestures, behaviors, opinions or discourses of living beings” (Agamben, 2009, p. 14).

O projeto colaborativo interdisciplinar ajudou-nos a focar as histórias de vida contadas e partilhadas pelos participantes como atos performativos de *biografização* da experiência migrante, trazendo, assim, para primeiro plano, os aspetos materiais, performativos e interacionais do próprio ato de biografar. O foco explícito na materialidade da produção e receção de falas e letramentos, a recolha colaborativa e insistente de objetos e materiais produzidos por todos os participantes, para além de permitirem seguir não só uma narrativa de assédio sexual ao longo do tempo de vida do projeto, permitiram identificar como os objetos – e as ações contingentes mediadas por esses objetos – deram lugar a determinados acontecimentos e produções semióticas que afetaram os resultados finais.

Nesse processo, o enfoque de Budach, Kell e Patrick (2015) nos objectos que actuam como *prismas* para perceber a ação humana e a atividade semiótica – a acontecer a escalas de menor ou maior duração – foi muito útil para seguir, de forma mais aprofundada, a própria dinâmica de *biografização*. O foco material no dispositivo foi crucial para identificar, a dado momento, a existência de versões concorrenciais de uma mesma narrativa sobre assédio sexual, que, circulando lado a lado em responsividade diferencial, resultaram na emergência de um *epistema* linguístico, ou seja, um índice fonológico de *sotaque*, subtil e implícito, permeado por género e colonialidade, com impacto na própria condição vivida de se *ser mulher falante de português brasileiro em Portugal* (Keating, 2019). Expandindo esse trabalho prévio, pretendo, neste texto, focar explicitamente nos vários modos de montagem material de coisas, corpos e artefactos que surgiram ao longo do projeto. Ao segui-los no modo como propiciaram atividades subtis de criação de sentido, acontecendo em paralelo, lado a lado, identifico como estes foram afetando o próprio processo de conhecimento.

Começo, assim, com o espaço físico da produção das rodas de história. Cadeiras, mesas e, neste caso em particular, um quadro branco, desempenharam o seu papel altamente regulado de criar o espaço físico que identificava o projeto como académico, podendo, assim, serem considerados como *objetos delimitados* (ver figura 1) (Budach; Kell; Patrick, 2015). Nas palavras das autoras (Budach; Kell; Patrick, 2015, p. 131, tradução nossa), “O movimento dos objectos nestes espaços é meticulosamente controlado, uma vez que ‘sair do seu lugar’ representa um risco de criar desequilíbrio na ordem interacional e moral do espaço”<sup>16</sup>. No nosso caso, a compreensão colaborativa (e tanto quanto possível horizontal do dispositivo das rodas de histórias) deu margem para a ruptura desse espaço académico, algumas vezes com consequências.

Dadas as horas demoradas envolvidas nas oficinas, o almoço foi, por vezes, fornecido pela equipa de investigação e cozinhado pelos participantes no projeto, distribuído na própria sala das atividades. Na hora do almoço, mesas e as cadeiras mudaram de sítio para transformar o espaço físico numa área de refeições, na qual a panela de comida (neste caso, uma panela de feijão cozinhado pelas participantes) e as bebidas que a acompanhavam (como o pacote de sumo de laranja), tornaram-se os principais actores da atividade semiótica do grupo (figura 2).



**Figura 1:** Intra-acção em sala de aula: objetos delimitados

**Fonte:** Arquivo do projeto de pesquisa

<sup>16</sup> Excerto original: “The moving of objects in such spaces is meticulously controlled, as “leaving its place” presents a risk of creating imbalance in the interactional and moral order of the space” (Budach; Kell; Patrick, 2015, p. 131).



**Figura 2:** Intra-acção em almoço coletivo

**Fonte:** Arquivo do projeto de pesquisa

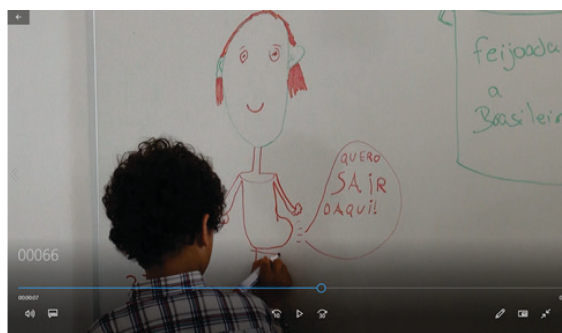


**Figura 3:** O quadro branco e processo de intra-acção 1

**Fonte:** Arquivo do projeto de pesquisa

Num desses eventos, houve um momento significativo, quando Socorro, uma das participantes do projeto, pegou numa caneta e resolveu desenhar, no quadro branco, uma personagem grávida (ela própria estava grávida), segurando uma embalagem de sumo de laranja com a legenda “sabor a cadeira”, sugerindo o mau sabor e a má qualidade da bebida distribuída na hora de almoço. Outras pessoas participaram no evento, sugerindo ideias, tais como desenhar uma laranja por baixo da legenda “sabor a cadeira”, entre outras. Foi este ato que chamou a atenção de todas as participantes do projeto para as capacidades que Socorro tinha como desenhadora de *cartoons*.

A partir daquele momento, o uso disruptivo do quadro branco repetiu-se por outras atividades. Por exemplo, ao reparar que a mãe utilizava o quadro branco para desenhar as suas caricaturas, o filho de Socorro imitou a ação, utilizando o quadro branco para desenhar a imagem de um rapaz que queria fugir do acontecimento, assim chamando a atenção para outras atividades paralelas às rodas de história, tais como a presença dos filhos dos participantes ao longo do dia (figura 4).



**Figura 4:** O quadro branco e processos de intra-acção 2

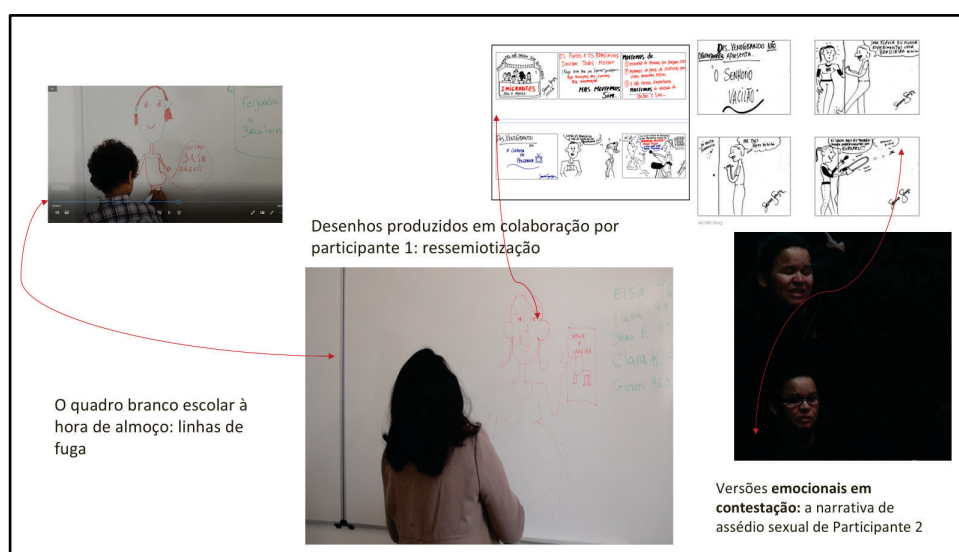
**Fonte:** Arquivo do projeto de pesquisa

É nesse sentido que a presença da panela e da embalagem de sumo de laranja funcionaram como objetos que romperam com – libertaram – a natureza delimitada de outros objetos, como o quadro branco e as cadeiras das mesas. A sua presença nesse espaço

supostamente académico despoletou uma determinada ordem de interação e atividade que deu liberdade a esta participante para textualizar o sabor da comida num desenho inscrito no quadro branco.

De ressaltar ainda que essa atividade de produzir desenhos tornou-se crucial para o desenvolvimento do projeto. De facto, um dos produtos finais consistiu na construção de um álbum de banda desenhada da autoria desta participante sobre a experiência de pessoas migrantes em Portugal, tendo sido amplamente divulgado nas redes sociais, com impacto significativo na sua identidade de autora e escritora legítima. Tal como ilustrado em trabalhos anteriores, a retextualização em *cartoon* de uma das narrativas de assédio sexual partilhada oralmente por outra participante foi central para identificar como versões alternativas do mesmo evento circularam ao longo do projeto, e como a fricção entre dois modos de narrar – por um lado, uma narrativa oral de vitimização enunciada por uma das participantes, por outro uma história de agência e resistência conta o machismo hegemónico português desenhada numa tira de banda desenhada – tornou visível muitos aspetos (i)materiais relacionados com a experiência vivida da mulher migrante brasileira, como, por exemplo, a sua objetificação sexual marcada por um *sotaque* brasileiro em Portugal (Keating, 2019).

Tanto o quadro branco quanto a possibilidade da existência de *cartoons* para o desenvolvimento do projeto surgiram *em contingência*. Ambos, quadro branco e *cartoons*, tornaram-se *objetos de fronteira*, assim denominados por Susan Leigh Star (1989) como flexíveis, ou seja, adquirindo diferentes significados em diferentes contextos, possibilitando e transportando traços comunicativos e semióticos através desses mesmos contextos (Budach; Kell; Patrick, 2015). Foi na repetição do uso do quadro pelo filho da participante, na interação da prática do desenho do *cartoon* para registar momentos mais significativos do projeto, que surgiram dinâmicas de diálogo, conluio, contestação, de certa forma libertando as narrativas enunciadas pelos participantes, constrangidos pela necessidade de retratar factos e experiências reais vividos, muitos deles traumáticos.



**Figura 5:** Intra-acção e circulação semiótica

**Fonte:** Arquivo do projeto de pesquisa

Para aprofundar um pouco mais, no encontro repetido e nunca idêntico, da caneta com o quadro branco – primeiro pela mão de Socorro numa ação de desenho coletivo à hora de almoço, mais tarde pela mão do filho da participante – configura-se uma resposta diferencial que foge ao uso delimitado prévio e *metamorfoseia* os objetos que agem na fronteira. A repetição através de contextos, agora sedimentada na prática habitual de escrita do *cartoon* pela participante, reverbera e atinge de novo aquela que iniciou a narrativa de assédio sexual, tornando explícito o conflito, a experiência traumática e as emoções, agora revividas de forma dolorosa num evento público, criando um momento de inquietação académica e levantando questões sobre a ética da investigação e os limites de uma academia que deveria (ou não?) “deixar a vítima sangrar” (tal como comentado por um elemento da audiência).

Em suma, um acontecimento contingente como o de desenhar um pacote de sumo de laranja num quadro branco – filmado também de forma contingente – desencadeou múltiplas cadeias de acção, que, acontecendo ao mesmo tempo, circularam num exercício de responsividade diferencial, assim nomeada por Barad (2007, p. 335, tradução nossa):

As práticas discursivas são as condições materiais para a criação de sentido. Na minha visão pós-humanista, o significado não é uma noção baseada no ser humano; é antes a dinâmica de atuação contínua do mundo na sua inteligibilidade diferencial. Normalmente, a inteligibilidade é enquadrada como matéria do intelecto e logo, capacidade especificamente humana. Porém, na minha perspectiva realista agencial, a inteligibilidade é matéria de responsividade diferencial, articulada de modo performativo e responsável em relação àquilo que se materializa e que importa. A inteligibilidade não é uma característica inerente aos seres humanos, mas um traço do mundo no seu devir diferencial. O mundo articula-se enquanto tal, diferenciando-se.<sup>17</sup>

Tanto o quadro branco como os desenhos (e a prática de escrita de *cartoons* que surgiram dessa atividade) percorreram outros eventos na linha temporal do projeto de pesquisa; ao serem reunidos com outros objectos, abriram acções de criação de sentido com impacto tanto para os participantes como para o projeto. O foco na atividade semiótica propiciada pelo ângulo dos objectos abre, assim, a possibilidade de explorar linhas de acção que foram inesperadas e aconteceram nas linhas de fuga dos guiões inicialmente regulamentados, culminando em dinâmicas de natureza pragmática e ético-ontopistemológica. Para estas dinâmicas, os quais corroboraram a contingência, a repetição e a responsividade diferencial de entes distintos, os quais co-constituem os modos de produção de conhecimento aqui relatados, fazem parte de uma rede emaranhada de saberes.

### 3.2 ROTAS ANCESTRAIS DE CIRCULAÇÃO: TAMBORES, LÍNGUAS E CONHECIMENTO

Estudante 1: “Pós sempre esse estresse no respeito aos tambores, respeito aos mais velhos e o respeito à ancestralidade que é um aspecto muito muito importante talvez o mais importante nas culturas africanas praticado ainda hoje”

[risos nervosos]

Professor [autor do artigo]: “Can you translate yourself”

Estudante 1: “I said that it was very interesting to learn that the culture in jongo is very similar to African Culture especially when she stresses the importance of respecting the drums and respecting the elders because that is the most important foundation of African culture that we practice today in our daily lives in our households”<sup>18</sup>.

Os dois excertos acima foram ditos em uma atividade de avaliação final do desenvolvimento de um projeto de mobilidade académica vinculado à minha atuação como leitor de língua portuguesa, na Universidade da Cidade do Cabo, *University of Cape Town* (UCT), na África do Sul. Em 2016, captei recursos junto ao Ministério das Relações Exteriores para desenvolver o projeto *Conexões Brasil – África: (Re)conhecendo o Jongo na Cidade do Cabo* que visava trazer uma mestra tradicional de jongo de Campinas, Alessandra Ribeiro, do Jongo Dito Ribeiro<sup>19</sup>, para uma visita académica e cultural ao país africano (Carneiro, 2016). O projeto, considerando a linha de atuação que desenvolvi na universidade de pensar o ensino de português como língua adicional por uma perspectiva afrocentrada, buscava visibilizar e criar aproximação entre tradições culturais afro-brasileiras e africanas.

<sup>17</sup> Excerto original: “Discursive practices are the material conditions for making meaning. In my posthumanist account, meaning is not a human-based notion; rather, meaning is an ongoing performance of the world in its differential intelligibility. Intelligibility is usually framed as a matter of intellection and therefore a specifically human capacity. But in my agential realist account, intelligibility is a matter of differential responsiveness, as performatively articulated and accountable, to what matters. Intelligibility is not an inherent characteristic of humans but a feature of the world in its differential becoming. The world articulates itself differently” (Barad, 2007, p. 335).

<sup>18</sup> As transcrições aqui apresentadas foram realizadas a partir de um vídeo produzido durante o desenvolvimento das atividades do projeto para fins de arquivo e divulgação, no ano de 2017. Foi solicitada e concedida a autorização para uso das falas em questão para este artigo.

<sup>19</sup> Para mais informações sobre o grupo, ver: <https://comunidadejongoditoribeiro.wordpress.com/>.

A proposta foi inspirada pela abordagem do *Encontro de Saberes*, idealizado por José Jorge de Carvalho, da Universidade de Brasília (UnB), e que, segundo Vianna (2023, p. 269), numa leitura atualizada, tem como intuito:

[...] proporcionar a presença de mestres e mestras das tradições populares, quilombolas, povos e comunidades tradicionais, de terreiro, nações indígenas, como docentes e pesquisadores nas universidades para transformar o ambiente mono, ou uni, em um ambiente pluri: pluriversidade étnico-racial-epistêmica-cultural lugar onde se cultiva a convivência, interlocução, transdisciplinaridade, criação, experimentação, inovação e transformação das estruturas excludentes, desiguais, limitantes intelectual e impeditivas da soberania intelectual e política em nosso país.

O contexto sul-africano naquele momento era marcado por intensos debates sobre a descolonização do ensino superior que foram iniciados em 2015, com o movimento *RhodesMustFall*, que demandava mudanças no currículo do ensino superior e no funcionamento dessas instituições. Foi nesse sentido que, como docente, propus mudanças no currículo do ensino de língua portuguesa pensando em como ele poderia ser prismado a partir de perspectivas africanas, afro-brasileiras, afro-lusitanas e afro-diaspóricas em um sentido amplo (Carneiro, 2019). Assim sendo, poder trazer uma mestra tradicional de jongo representava uma possibilidade concreta de colocar os estudantes de língua portuguesa, mas também de outros departamentos, como os de música e dança, em contato direto com a cultura afro-brasileira.

O jongo é uma manifestação de cultura popular, composto por dança, canto e percussão de tambores, sendo praticado no sudeste brasileiro. Sendo parte das danças de umbigada, considera-se que essa manifestação cultural tem sua origem nas diferentes culturas bantu do sul da África, e no Brasil, o ritmo é considerado um dos antecessores do samba (Dias, 2014). Uma das primeiras preocupações que tive ao começar a desenvolver o projeto foi se os recursos que eu teria seriam suficientes para trazer uma mestra e os três músicos necessários para o toque dos tambores. Na tradição do grupo de *Jongo Dito Ribeiro de Campinas*, há três tambores, o trovão, o candongueiro e o viajante, sendo um mais grave, um mais agudo e um médio, o que tem paralelo com a organização dos instrumentos nas religiões afro-brasileiras e na capoeira.

Como não foi possível trazer mais membros do grupo de jongo, foi fundamental construir uma parceria com o *Grupo de Capoeira Cordão de Ouro*, da Cidade do Cabo, na África do Sul, liderado por Mestre Espirrinho e Contra-Mestra Mordaça<sup>20</sup>, já que os estudantes poderiam aprender a tocar os diferentes ritmos do jongo para que as aulas e as oficinas acontecessem. Vale destacar, nesse sentido, a minha participação no grupo, tanto nas aulas conduzidas por Mestre Espirrinho na universidade quanto no espaço do grupo na cidade.

As atividades foram desenvolvidas ao longo de um mês para diferentes públicos. A mestra Alessandra participou em atividades acadêmicas, tais como a comemoração do dia 5 de maio – naquele ano, o Dia da Língua Portuguesa, uma palestra acadêmica com a presença de vários pesquisadores da UCT e, inclusive, um show com os estudantes. Porém, a sua principal ação foi a realização de oficinas em que era apresentada a história do jongo, em que os estudantes tiveram a oportunidade de aprender a cantar os pontos, a dançar os passos e vivenciar a experiência de estar em uma roda. A avaliação final, que contou com estudantes da universidade e membros do *Grupo de Capoeira Cordão de Ouro*, foi um momento de fechamento do ciclo, no qual todos em uma roda contavam sobre o que aprenderam com a experiência de vivenciar o jongo. O momento envolvia bastante emoção com falas entrecortadas e incluiu a tradução entre o português e o inglês e vice-versa, um dos elementos centrais das práticas comunicativas ao longo da visita acadêmica.

Apesar do uso constante dessas duas línguas nas oficinas, na maior parte do tempo, a comunicação ocorria de forma multimodal, envolvendo o aprendizado prático dos ritmos e dos movimentos, em que os tambores eram o elemento central a partir do qual eram organizadas todas as atividades. Numa perspectiva representacional clássica, o tambor seria um instrumento musical que produz sons e ritmos que podem ser decodificados, transcritos e interpretados, a partir do qual se mobilizam o canto e a dança que constituem o jongo. Nos modelos ontológicos ocidentais, os tambores seriam feitos de substâncias inertes e incapazes de quaisquer tipos de agenciamento: desse modo, o meu relato sobre o desenvolvimento do projeto *jongo* poderia tratar a sua presença como

<sup>20</sup> Para mais informações sobre o grupo, ver <https://capoeiracdo.co.za/about/>.

mais um elemento dos complexos agregados semióticos que ocorreram durante a realização do projeto *jongo*. Indo um pouco mais além e optando por um olhar mais performático, seria possível compreender como a sua dimensão sonora é constitutiva dos tempos e espaços do jongo nas relações promovidas pela audição enquanto sentido que possibilita a escuta. Como afirma Feld em entrevista para Peterson (Feld; Peterson, 2025, p. 18, tradução nossa):

[...] escutar é um mecanismo incorporado de localização, e não simplesmente um problema limitado à estimulação das vias auditivas. O som é uma forma de conhecimento totalmente abrangente porque é espectral, como a luz e o calor, como o olfato e o tato. Modalidades sensoriais são sempre, em alguma medida, intersensoriais; um sentido ecoa em outro, criando vários registros do que chamamos de sentimento. Portanto, para mim, ouvir como prática é uma forma completa de ser um corpo que sente, absorve e reflete no mundo, uma forma de iluminar, aquecer, apreender, testemunhar, participar, enfim, sentir/ser relacional. Mais do que uma estimulação, o som é um convite sensorial para algo maior, algo que penetra o corpo ainda mais profundamente.<sup>21</sup>

A perspectiva do autor delinea melhor o modo como o tambor, escutado desde a mais tenra infância nas comunidades afro-brasileiras, é uma forma de sentir, mas, sobretudo, de conhecer o mundo por meio dos sons. Seja em comunidades de terreiro, em grupos de capoeira, seja, ainda, no caso que concerne a este artigo, em comunidades de jongo, aprender a escutar e reproduzir sons é um modo relacional de, a partir das experiências sensoriais com os sons, ir compreendendo movimentos corporais, gestualidades, posturas e formas de ser e estar no mundo.

A perspectiva discursivo-material, porém, nos possibilita olhar para os tambores de uma outra forma que talvez os reposicione em um lugar mais adequado e faça jus à centralidade que lhe foi dada pela estudante nas falas que incluí no início desta seção, e que destacam o respeito aos tambores e o respeito aos mais velhos como elementos centrais das culturas africanas. Como aponta a mestra Lazyr, da Serrinha<sup>22</sup>, no Rio de Janeiro, “A base é o tambor, né? A base é o ritmo, é o som. O tambor, ele complementa... ele, ele, ele... é ele que conduz, é ele... como a batida do coração, é ele que movimenta e ele que faz com que tudo aconteça, o tambor. Salve o Tambor” (LIDE UFF, 2014). Simas (2023) afirma que os tambores “[...] contam histórias, conversam com as mulheres, homens e crianças, modelam condutas e ampliam os horizontes do mundo”.

Os tambores precisam, então, ser compreendidos como coagentes do jongo pela sua responsividade diferencial, ou seja, o modo como engendram intra-ações e interações em espaços situados, produzindo discursividades materializadas, ao longo do tempo, de forma relativamente estável. Como sabemos, nem todos os objetos das chamadas culturas materiais permanecem com seus usos, mas os tambores permanecem pelas suas características intrínsecas: cada um produz, por exemplo, um conjunto de vibrações específicas que são iterativamente retomadas.

Eidsheim (2015) enfatiza a vibração como um elemento que interconecta múltiplas dimensões materiais articulando múltiplos coagentes no decorrer dos eventos – logo mesmo que o som possa ser iniciado por um agente humano, sempre há responsabilidades não humanas e mais que humanas em curso. Assim sendo, as vibrações produzem sensações, sentimentos, pensamentos, atmosferas que não são individuais, e sim compartilhadas de forma coletiva, o que tem implicações éticas e políticas. Nesse sentido, vale destacar que os tambores em questão não eram os tambores originais do jongo que foram para a África do Sul, mas os tambores que eram utilizados na capoeira, mas que podiam ressoar as mesmas vibrações e produzir as sonoridades que ocorrem no jongo.

Os tambores, assim, podem ser caracterizados como *objetos de ligação*, ou seja, seguindo a teorização de Budach, Kell e Patrick (2015), eles transportam uma estabilidade de significado, atravessando tempos, espaços, distâncias, domínios e fronteiras, mas sem regular de forma estrita as estruturas de participação que emergem a partir da sua coagência. Assim eles são naturalizados, servindo,

<sup>21</sup> Excerto original: “[...] listening is an embodied machine for emplacement, not simply a more limited matter of the excitation of auditory pathways. And sound is a fully capacious way of knowing because it is spectral, like light and heat, like smell and touch. Sensory modalities are always to some extent intersensory; one sense echoing into another, creating multiple registrations of what we call feeling. So listening as a practice for me is a full way of being a sensing, absorbing, reflecting body in the world, a way of lighting up, heating up, apprehending, witnessing, participating, in short, feeling/being relational. Sound is an excitation, but more a sensory invitation to something larger, something that penetrates the body even more deeply” (Feld; Peterson, 2025, p. 18).

<sup>22</sup> Para mais informações sobre o Jongo da Serrinha, ver: <https://jongodaserrinha.org/111-2/>

por isso, “[...] como repositórios de significados sedimentados, oferecendo possibilidades semióticas para a estruturação da fala”<sup>23</sup> (Budach; Patrick; McKay, 2015, p. 448, tradução nossa).

É nesse sentido que a fala sobre os objetos pode ser uma atividade significativa de aprendizagem, como apontam Budach, Patrick e McKay (2015), atuando como pontos de junção em processos transcontextuais de produção de significado que articulam conexões entre pessoas, objetos, atividades, territórios e temporalidades. É desse modo que o tambor é o motivador da fala do estudante angolano que foi exemplificada e que retomo aqui:

Estudante 1: Pós sempre esse estresse no respeito aos tambores, respeito aos mais velhos e o respeito à ancestralidade que é um aspecto muito muito importante, talvez o mais importante nas culturas africanas praticado ainda hoje.

O tambor que agenciou materialmente as atividades do projeto jongo em cada uma das oficinas, quando é retomado aqui em uma fala sobre ele, articula diferentes contextos, o do Brasil e o da África. Como afirma Ribeiro (2011): “Cada tambor é considerado como um integrante e membro da roda de jongo, por representar a ligação entre os praticantes e sua ancestralidade jongueira”. Assim sendo, e considerando uma perspectiva não antropocêntrica e que desfaz o corte geontológico entre vida e não vida (Povinelli, 2016), o tambor não é, nessa perspectiva ético-ontopistemológica, somente um objeto, antes parte de uma totalidade que está a acontecer, na medida em que não pode ser considerado de modo isolado e só pode ser compreendido nas complexas intra-ações que produz.

Em síntese, enquanto um objeto de ligação e um coagente, é possível afirmar que *o tambor* fez múltiplas coisas acontecerem de forma multisensorial; *a fala sobre/a partir do tambor* – tal como a do trecho que abre esta discussão – despoletou uma complexa rede multidimensional de interrelações e de conectividades que mostram como é possível “fazer mundos” de forma coagentiva, compreendendo o lugar dos objetos nos complexos nós dos processos de materialização. Nesse sentido, a reflexividade sobre os objetos aponta para uma ontologia relacional, no modo como agências distintas se constroem materialmente, algo que se torna particularmente evidente nos espaços híbridos das migrações, onde múltiplas histórias são sobrepostas.

Na interação em questão, o grupo de capoeira era composto por brasileiros, angolanos, sul-africanos, zimbabuenses e pessoas de várias outras partes do mundo. Mas quem dominou as interações foram os mestres de capoeira, a mestra de jongo e dois estudantes angolanos versando sobre as relações entre o Brasil e a África. A fala aqui registrada foi enunciada por um estudante angolano, seguida por várias falas de outra estudante da mesma origem, em que se traçaram diferentes paralelos sobre semelhanças e diferenças. Nesse emaranhado de histórias, o tambor falava e ecoava o passado e transformava o presente. Nessa circulação de conhecimentos, não foi o saber do jongo que, tendo ido para o Brasil, retornava agora ao contexto africano: o que ali emergia, nesse modo de *fazer mundos*, foi um conhecimento específico, forjado a partir das diferentes trajetórias de mobilidade ali entrecruzadas, um saber emaranhado de fronteira.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tentamos ilustrar, neste texto, como modos de conhecer se relacionam com a responsividade diferencial, já que não parece ser necessário que haja um conhecedor que *intelectualmente* conhece, para que o conhecimento seja produzido. Conhecer é, assim, um processo de intra-ação. Como afirma Barad (2007, p. 149, tradução nossa): “[...] conhecer propicia responsividade diferencial e responsabilidade como parte de uma rede de performances, ou atuações. Conhecer não é uma prática limitada ou fechada, mas a performance (ou atuação) em movimento do mundo”<sup>24</sup>. Nesse sentido, responsividade e responsabilidade articulam-se na medida em que aquilo que se materializa e importa também faz com que outros entes não se materializem nem importem.

<sup>23</sup> Excerto original: “[...] as repositories of sedimented meanings, offering semiotic possibilities for the structuration of talk” (Budach; Patrick; McKay, 2015, p. 448).

<sup>24</sup> Excerto original: “[...] knowing entails differential responsiveness and accountability as part of a network of performances. Knowing is not a bounded or closed practice but an ongoing performance of the world” (Barad, 2007, p. 149).



É a partir dessas dinâmicas que compreendemos *o lugar dos objetos* nos processos de interação, de intra-ação, de constituição de coisas, corpos e repertórios em dispositivos situados de conhecimento. A intra-ação é a chave que permite compreender os modos pelos quais o mundo se faz por meio de práticas discursivo-materiais na interação; esse fazer é marcado por múltiplas perspectivas axiológicas, ontológicas e epistemológicas que surgem em contingência. Exercícios de *hermenêutica diatópica* permitem-nos atender a, e atentar na, incomensurabilidade desses diferentes mundos em contato tal como tentamos explorar nos nossos exercícios oriundos de cenários migratórios. Essa precisa, porém, ser perspectivada de forma ampliada, na medida em que esses universos não são tão distintos entre si quanto se poderia pensar, antes emaranhados de formas singulares e contingentes.

É nessa linha, também, que entendemos que, nos contextos de contato com a diferença que apresentamos, surgiram saberes emaranhados de fronteira, ou seja, modos de conhecer que não são nem de lá nem de cá, nem por sujeitos humanos nem não humanos, antes saberes integrados nas temporalidades e espacialidades de onde surgem e parte constitutiva da configuração de mundos específicos. Os espaços-tempo das oficinas biográficas com migrantes em Coimbra e das oficinas de jongo na Cidade do Cabo escapam aos cronotopos<sup>25</sup> mencionados, uma vez que foram (e no aqui e agora desta nossa dinâmica de escrita e da vossa atividade leitora estão a ser) lugares iterativos de constituição de subjetividades, de deslocamentos de sentidos, de agenciamentos e de produção de conhecimento constituídos ético-ontoepistemologicamente.

Com essas intuições se renuncia a qualquer possibilidade de axiologia, ontologia ou epistemologia geral e se reforça a existência de múltiplos pluriversos emergentes e em contato, sem consciência das suas próprias totalidades. Daí a necessidade ética de observar quanto esse *nós* (não necessariamente apenas humano) se encontra emaranhado com esses *outros* (também não somente humano). Como afirma Barad (2007, p. 393), cortes agenciais não são processos de individuação, pelo que não se pode pensar numa ética sobre um outro exteriorizado, antes uma ética que se responsabiliza por distintas relacionalidades do devir de que fazemos parte.

Assim, é importante reconhecer que o percurso que traçamos neste artigo, inspirado na relação entre o ângulo das materialidades e o das epistemologias do Sul, possibilita-nos reconhecer tensões epistêmicas, pensar com o não representacional para além das abordagens representacionais, desafiar perspectivas logocêntricas sobre a linguagem verbal e não verbal e o semiótico, seus fundamentos raciolinguísticos e coloniais, na tentativa de abrir espaços para compreensão dos silêncios e para o que ainda está por se dizer.

Explorar este cruzamento – ainda que de leve – permitiu-nos também desemaranhar modos de conhecer, de ser e de estar que emergem em redes de performance específicas e situadas, libertando intuições sobre a multiplicidade de materialidades distribuídas que agem em coocorrência. Isto ajudou a forjar um outro olhar sobre, por exemplo, os processos materiais de se tornar falante, ou de seguir ações que posicionam humanos (participantes nas rodas de histórias ou no jongo) e não humanos (quadros brancos, *cartoons*, tambores) na relação com essa multiplicidade, abrindo o caminho para o reconhecimento dos modos de constituição de diferentes pluriversos.

Porém, seguindo na linha de Barad (2007), o que é *materializado* e *importa* também faz com que outras coisas não sejam *materializadas* nem *importem*. Ainda que essa oposição dual possa ser problemática, devemos estar atentos a ela, no sentido de construir uma abordagem meta epistêmica que nos possibilite interrogar os nossos próprios posicionamentos pela *suspeita* (Ricoeur, 1969)<sup>26</sup> – se os objetos, como exemplificados nos exercícios apresentados aqui, realçam as mobilidades e as agências, eles podem também silenciar imobilidades e obstáculos. Assim, nesse esboço de conclusão, cabe perguntar: como ficam as nossas

<sup>25</sup> Como afirma Holquist (2010), cronotopo é simplesmente uma designação para o termo espaço-tempo e sua inter-relação intrínseca. Para o autor, na perspectiva de Bakhtin, o termo é uma categoria analítica que delimita as possibilidades de análise dos processos de significação considerando seu caráter situado.

<sup>26</sup> Não tendo espaço para elaboração profunda, a ideia de hermenêutica da suspeita vem de Paul Ricoeur. Fica-nos a definição de Maria Luisa Portocarrero Ferreira da Silva: “À interpretação como restauração e confiança no sentido opõe-se, desde Nietzsche e Freud, a ideia de interpretação concebida como desmistificação e redução de ilusões do passado. O impacto desta ideia crítica na cultura e filosofia ocidentais obriga, segundo P. Ricoeur, a repensar o sentido da própria Hermenêutica, uma vez que com Nietzsche, Freud e Marx a atitude de crítica e suspeita contra a Filosofia e cultura tradicionais, baseadas na inocência do *Cogito*, aparece ligada à temática da interpretação-dissolução das grandes ilusões da consciência humana. Pela primeira vez, o conceito de interpretação surge ligado a uma atitude de suspeita relativamente à linguagem falada pelos homens e falada aos homens. É fundamentalmente desconstrução. Remete para uma problemática nova que já nada tem a ver com o tradicional problema do mal-entendido ou mesmo com o do erro concebido em sentido epistemológico nem tão pouco com a problemática da mentira em sentido moral, mas sim com a temática da ilusão, do desvio e do desmascaramento como modo de ser do existir humano” (Silva, 2009).

identidades e o nosso *habitus* acadêmico, no sentido bourdieusiano, ao adentrar essas novas perspectivas? O que está em jogo nesses processos de produção e circulação de conhecimentos apresentados aqui? O que as dinâmicas de análise das materialidades distribuídas revelam ou deixam de revelar? Quais são as disputas de sentido que permeiam o campo da ciência que ensejam a emergência de uma abordagem neomaterial? Quais as agendas que são evidenciadas e quais que não são? Quais os nós de colonialidade e pontos-cegos que não conseguimos perceber, mas que estão presentes também nesses novos olhares?

#### **Declaração de conflito de interesse**

Os autores declaram não haver conflito de interesse.

#### **Declaração de disponibilidade de dados da pesquisa**

Os dados utilizados fazem parte dos registros dos autores e não estão disponíveis para acesso público, tendo em vista a confidencialidade das identidades dos participantes em cada exercício de análise.

#### **Declaração de contribuição dos autores**

As reflexões apresentadas aqui foram objeto de discussão entre os dois autores em diferentes momentos nos últimos dois anos e foram construídas de forma colaborativa.

#### **REFERÊNCIAS**

AGAMBEN, G. *What is an apparatus and other essays*. Stanford, California: Stanford University Press, 2009.

BARAD, K. *Meeting the universe halfway: Quantum physics and the entanglement of matter and meaning*. Durham/NC: Duke University Press, 2007.

BARAD, K.; GANDORFER, D. Political Desirings: Yearnings for Mattering (,) Differently. *Theory & Event*, v. 24, n. 1, p. 14-66, 2021. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/pub/1/article/780766/pdf>. Acesso em: 07 abr. 2025.

BUDACH, G.; KELL, C.; PATRICK, D. Objects and language in trans-contextual communication. *Social Semiotics*, v. 25, n. 4, p. 387-400, 2015. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/10350330.2015.1059579>. Acesso em: 07 abr. 2025.

BUDACH, G.; PATRICK, D.; MCKAY, T. "Talk around objects": designing trajectories of belonging in an urban Inuit community. *Social Semiotics*, v. 25, n. 4, p. 446-464, 2015. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/10350330.2015.1059575>. Acesso em: 07 abr. 2025.

CAPINHA, G.; KEATING, C.; LECHNER, E.; SOLOVOVA, O. Tessituras: da poética e da política nos espaços das migrações. *e-cadernos ces*, n. 29, p. 98-123, 2018. Disponível em: <https://journals.openedition.org/eces/3247>. Acesso em: 28 fev. 2025.

CARNEIRO, A. S. R. *Conexões Brasil - África: (re) conhecendo o jogo na Cidade do Cabo*. Projeto cultural inédito apresentado ao Ministério das Relações Exteriores do Brasil, 2016.

CARNEIRO, A. S. R. Following the path of otherwise: subalternized subjects, academic writing and the political power of discomfort. *Journal of Multicultural Discourses*, v. 17, n. 2, p. 138-157, 2022. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/17447143.2022.2113886>. Acesso em: 28 fev. 2025.

CARNEIRO, A. S. R. O Leitorado Brasileiro da Universidade da Cidade do Cabo, África do Sul: uma experiência com o ensino de Português como Língua Adicional em um contexto pós-colonial. *Calidoscópio*, v. 17, n. 1, p. 121-144, 2019. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2019.171.07>. Acesso em: 28 fev. 2025.

CARVALHO, J. J.; VIANNA, L. C. R. O encontro de saberes nas universidades, uma síntese dos dez primeiros anos. *Revista Mundaú*, n. 9, p. 23-49, 2020. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistamundau/article/view/11128>. Acesso em: 07 abr. 2025.

COOLE, D.; FROST, S. Introducing the New Materialisms. In: COOLE, D.; FROST, S. *New Materialisms: Ontology, Agency, and Politics*. EUA: Duck University Press, 2010. p. 1-43.

DELEUZE, G. O que é um dispositivo? In: DELEUZE, G. *O mistério de Ariana*. Lisboa: Vega, 1996. p. 83-96.

DIAS, P. O lugar da fala: conversas entre o jongo brasileiro e o ondjongo angolano. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 59, p. 329-368, dez. 2014. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rieb/article/view/89048/91951>. Acesso em: 07 abr. 2025.

EIDSHEIM, N. S. *Sensing Sound: Singing & Listening as Vibrational Practice*. Durham, NC: Duke University Press, 2015.

FELD, S.; PETERSON, M. *Steven Feld on his book, Acoustemology*. 3 feb. 2025. Disponível em: <https://campanthropology.org/2025/02/03/steven-feld-on-his-book-acoustemology/>. Acesso em: 25 fev. 2025.

FOX, N. J. New Materialism [Online]. *The Sociological Review Magazine*. 16 sep. 2020. Disponível em: <https://thesociologicalreview.org/magazine/september-2020/texture/new-materialism/>. Acesso em: 25 fev. 2025.

FOUCAULT, M. Sobre a história da sexualidade. In: FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1995. p. 243-276.

HOLQUIST, M. The fugue of chronotope. In: BEMONG, N. et al. *Bakhtin's Theory of the Literary Chronotope: Reflections, Applications, Perspectives*. Gent: Academia Press, 2010. p. 19-34.

KEATING, M. C. Changing Participation in Changing Practice: Uses of Language and Literacy among Portuguese Based Migrant Contexts. In: BAYNHAM, M.; COLLINS, J.; SLEMBROUCK, S. (ed.). *Globalization and Language Contact: Spatiotemporal Scales, Migration Flows, and Communicative Practices*. London: Continuum, 2009. p. 233-251.

KEATING, M. C. Biographizing migrant experience. *International Journal of the Sociology of Language*, v. 2019, n. 257, p. 49-75, 2019. Disponível em: <https://www.degruyterbrill.com/document/doi/10.1515/ijsl-2019-2020/html>. Acesso em: 25 fev. 2025.

KEATING, M. C.; CARNEIRO, A.; DINIZ, L. R. A. Os emaranhados do Português como Língua Adicional: cenários multilíngues de (i)mobilidade e agenciamento. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 61, n. 3, p. 609-622, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/mwZYvpL8WvnRycgM7GsXgHC/?lang=pt>. Acesso em: 25 fev. 2025.

KEATING, M. C.; SOLOVOVA, O. Multilingual dynamics among Portuguese-based migrant contexts in Europe. *Journal of Pragmatics*, v. 43, n. 5, p. 1251-1263, 2011. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0378216610002547?via%3Dihub>. Acesso em: 25 fev. 2025.

KELL, C. "Making people happen": materiality and movement in meaning-making trajectories. *Social Semiotics*, v. 25, n. 4, p. 423-445, 2015. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/10350330.2015.1060666>. Acesso em: 27 fev. 2025.

KERFOOT, C.; STROUD, C. Towards a sociolinguistics of potentiality: Linguistic citizenship, quasi-events, and contingent becomings in spaces of otherwise. *International Journal of the Sociology of Language*, v. 2024, n. 287, p. 1-22, 2024. Disponível em: <https://www.degruyterbrill.com/document/doi/10.1515/ijsl-2024-0012/html>. Acesso em: 28 fev. 2025.

LATOUR, B. On interobjectivity. *Mind, Culture, and Activity*, v. 3, n. 4, p. 228-244, 1996. Disponível em: <http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/63-INTEROBJECTS-GB.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2025.

LECHNER, E. (ed.). *Rostos, vozes e silêncios da imigração*. Almedina: Coimbra, 2015.

LIDE UFF. *O Tambor* (Pontão de Cultura do Jongo). 2014. 1 vídeo (2min29seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3tgxIC7rr3E>. Acesso em: 25 fev. 2025.

ROBBERT, A.; MICKEY, S. *Cosmopolitics: An Ongoing Question*. Paper delivered at The Center for Process Studies, Claremont, CA, Political Theory and Entanglement: Politics at the Overlap of Race, Class, and Gender, 25 oct. 2013. Disponível em: [https://knowledge-ecology.com/wp-content/uploads/2017/03/claremont\\_cosmopolitics.pdf](https://knowledge-ecology.com/wp-content/uploads/2017/03/claremont_cosmopolitics.pdf). Acesso em: 02 fev. 2025.

FROST, T. The Dispositif between Foucault and Agamben. *Law, Culture and the Humanities*, v. 15, n. 1, p. 151-171, 2015. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1743872115571697>. Acesso em: 28 fev. 2025.

PRATT, M. L. *Planetary Longings*. Durham, NC: Duke University Press, 2022.

NIKOLIC, M. *Apparatus x Assemblage*. Almanac. New Materialism. How matter comes to matter. 28 mar. 2018. Disponível em: <https://newmaterialism.eu/almanac/a/apparatus-x-assemblage.html>. Acesso em: 25 fev. 2025.

PALMER, H.; HUNTER, V. *Worlding*. Almanac. New Materialism. How matter comes to matter. 16 mar. 2018. Disponível em: <https://newmaterialism.eu/almanac/w/worlding.html>. Acesso em: 25 fev. 2025.

POVINELLI, E. A. Geontologies of the Otherwise. Theorizing the Contemporary, *Fieldsights*, 13 jan. 2014. Disponível em: <https://culanth.org/fieldsights/geontologies-of-the-otherwise>. Acesso em: 25 fev. 2025.

POVINELLI, E. A. *Between Gaia and Ground: Four Axioms of Existence and the Ancestral Catastrophe of Late Liberalism*. Durham: Duke University Press, 2021.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 84-130.

POVINELLI, E. A. *Geontologies: a requiem to late liberalism*. London: Duke University Press, 2016.

RECKWITZ, A. The status of the “material” in theories of culture: From “social structure” to “Artefacts”. *A Journal for the Theory of Social Behaviour*, v. 32, n. 2, p. 195-217, 2002. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1468-5914.00183>. Acesso em: 24 fev. 2025.

RIBEIRO, A. O Tambor. “Bate tambor grande, repinica candogueiro...”. Adaptação do texto de Alessandra Ribeiro, 2011 - Comunidade Dito Ribeiro/SP. *Pontão de Cultura do Jongo*. Disponível em: <http://www.pontaojongo.uff.br/o-tambor>. Acesso em: 25 fev. 2025.

RICOEUR, P. *Le Conflit des Interprétations. Essais d'Herméneutique*. Paris: Seuil, 1969.

SANTOS, B. S. Uma concepção multicultural de direitos humanos. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, n. 39, p. 105-124, 1997. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/gVYtTs3QQ33f63sjRR8ZDgp/?lang=pt>. Acesso em: 25 fev. 2025.

SANTOS, B. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Novos Estudos CEBRAP*, n. 79, p. 71-94, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/ytPjkXXYbTRxn/7THFDBrgc/?lang=pt>. Acesso em: 27 abr. 2025.

SANTOS, B. S. *O fim do império cognitivo*. Coimbra: Almedina, 2018.

SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. Introdução. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 15-27.

SILVA, M. L. P. F. Hermenêutica da Suspeita. *E-Dicionário de Termos Literários de Carlos Ceia*, 27 dez. 2009 Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/hermeneutica-da-suspeita>. Acesso em: 02 mar. 2025.

SIMAS, L. A. Introdução à gramática dos tambores. *Blog do Luiz Antônio Simas*, 2023. Disponível em: <https://luizantoniosimas.com.br/blog/introducao-a-gramatica-dos-tambores/>. Acesso em: 25 fev. 2025.

STAR, S. L. The Structure of Ill-Structured Solutions: Heterogeneous Problem-Solving, Boundary Objects and Distributed Artificial Intelligence. In: HUHNS, M.; LES GASSER, L. *Distributed Artificial Intelligence 2*. Menlo Park, CA: Morgan Kauffmann, 1989. p. 37-54.

STENGERS, I. Introductory Notes on an Ecology of Practices. *Cultural Studies Review*, v. 11, n. 1, p. 183-196, 2005. Disponível em: <https://epress.lib.uts.edu.au/journals/index.php/csrj/article/view/3459>. Acesso em: 07 abr. 2025.

STENGERS, I. A. Constructivist Reading of Process and Reality. *Theory, Culture & Society*, v. 25, n. 4, p. 91-110, 2008. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0263276408091985>. Acesso em: 07 abr. 2025.

STENGERS, I.; MASSUMI, B.; MANNING, E. History through the Middle: Between Macro and Mesopolitics – an Interview with Isabelle Stengers. *Inflexions*, n. 3, p. 1-16, 2009. Disponível em: [http://www.inflexions.org/n3\\_stengershtml.html](http://www.inflexions.org/n3_stengershtml.html). Acesso em: 25 fev. 2025.

STEWART, K. Afterword: Worlding Refrains. In: GREGG, M.; SEIGWORTH, G. (ed.) *The Affect Theory Reader*. Durham, NC: Duke University Press, 2010, p. 339-353.

STEWART, K. In the World that Affect Proposed. *Cultural Anthropology*, v. 32, n. 2, p. 192-198, 2017. Disponível em: <https://journal.culanth.org/index.php/ca/article/view/ca32.2.03>. Acesso em: 28 fev. 2025.

STEWART, K. *Writing the now*: Kathleen Stewart, Worlding. 2024. 1 vídeo (44min37seg). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=UW\\_a0D4Qkbg](https://www.youtube.com/watch?v=UW_a0D4Qkbg). Acesso em: 25 fev. 2025.

VIANNA, L. C. R. Encontro de Saberes: o espírito do tempo e o estado da arte de uma proposta de transformação social. *PragMATIZES - Revista Latino-Americana De Estudos Em Cultura*, v. 13, n. 25, p. 267-301, 2023. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/pragmatizes/article/view/58015>. Acesso em: 25 fev. 2025.



Recebido em 02/03/20205. Aceito em 20/04/2025.

Publicado em 25/09/2025.